

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DO PSICÓLOGO

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND SOCIO-EMOTIONAL ASPECTS: AN
ANALYSIS FROM A PSYCHOLOGIST'S PERSPECTIVE

Ciências Humanas, Ciências da Saúde • 21/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/787252780](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/787252780)

Josué Marcos da Silva¹

Neire Abreu Mota Porfiro²

RESUMO

A inteligência artificial (IA) consolidou-se como uma das principais transformações tecnológicas do século XXI, com repercussões em diferentes dimensões da vida humana, incluindo a comunicação, as relações interpessoais, os processos de aprendizagem, o trabalho e a saúde mental. Este artigo tem como objetivo analisar os impactos da inteligência artificial sobre os aspectos socioemocionais, considerando suas implicações para a atuação do psicólogo. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de livros, artigos científicos e documentos institucionais relacionados à inteligência artificial, à Psicologia, à saúde mental, à subjetividade e às tecnologias digitais. A análise da literatura evidencia uma relação complexa entre os avanços tecnológicos e os aspectos socioemocionais, uma vez que a utilização dessas tecnologias apresenta potencialidades e desafios. Conclui-se que a inteligência artificial amplia possibilidades de atuação e, simultaneamente, introduz novos desafios à Psicologia, demandando reflexão sobre seus limites, implicações socioemocionais e formas responsáveis de utilização no campo da saúde mental.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Psicologia; Aspectos socioemocionais; Saúde mental; Tecnologias digitais.

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) has established itself as one of the major technological transformations of the 21st century, with repercussions across various dimensions of human life, including communication, interpersonal relationships, learning processes, work, and mental health. This article aims to analyze the impacts of artificial intelligence on socio-emotional aspects, considering the

implications for psychological practice. Methodologically, this is a qualitative bibliographic study based on the analysis of books, scientific articles, and institutional documents regarding artificial intelligence, psychology, mental health, subjectivity, and digital technologies. The literature analysis reveals a complex relationship between technological advancements and socio-emotional aspects, as the use of these technologies presents both potential benefits and challenges. The study concludes that artificial intelligence expands the scope of practice while simultaneously introducing new challenges for psychology, necessitating reflection on its limitations, socio-emotional implications, and responsible usage within the field of mental health.

Keywords: Artificial intelligence; Psychology; Socio-emotional aspects; Mental health; Digital technologies.

1. INTRODUÇÃO

A incorporação da inteligência artificial aos diferentes setores da sociedade constitui uma das transformações mais expressivas do desenvolvimento tecnológico contemporâneo. Inicialmente associada a aplicações computacionais especializadas, essa tecnologia passou a integrar atividades relacionadas à educação, ao trabalho, à saúde, à comunicação e ao entretenimento, modificando as formas pelas quais os indivíduos produzem conhecimento, estabelecem relações sociais e organizam práticas cotidianas. Desse modo, a inteligência artificial ultrapassa sua dimensão estritamente técnica e passa a integrar um conjunto de transformações sociais com possíveis repercussões sobre processos cognitivos, emocionais, comportamentais e relacionais.

A expansão dos sistemas inteligentes evidencia que as transformações associadas à inteligência artificial não se restringem à automatização de tarefas. Algoritmos de recomendação, assistentes virtuais, plataformas digitais, sistemas de aprendizagem de máquina e ferramentas de inteligência artificial generativa participam, em diferentes níveis, das experiências cotidianas e dos processos comunicacionais.

No campo da Psicologia, a discussão adquire relevância porque emoções, subjetividade, empatia, autorregulação e vínculos interpessoais constituem dimensões relacionadas ao desenvolvimento e ao bem-estar psicológico. Esses aspectos são constituídos e expressos em contextos sociais e culturais específicos e, portanto, também podem ser atravessados pelas mudanças decorrentes da crescente mediação tecnológica das relações humanas. Torna-se pertinente, nesse sentido, compreender de que maneira as novas formas de interação proporcionadas pela inteligência artificial se articulam aos processos socioemocionais e às experiências subjetivas dos indivíduos.

Essa relação, entretanto, não deve ser compreendida a partir de uma perspectiva exclusivamente negativa ou positiva. As tecnologias digitais podem ampliar o acesso à informação e aos serviços, favorecer novas modalidades de comunicação e oferecer recursos aplicáveis ao campo da saúde mental. Em contrapartida, a literatura também problematiza fenômenos associados à hiperconectividade, ao uso excessivo das tecnologias, ao isolamento social, à redução das interações presenciais e à fragilização de determinados vínculos interpessoais.

No texto-base, essas questões aparecem associadas às discussões de Turkle (2017), Han (2018), Bauman (2001) e Lévy (2010), que oferecem perspectivas distintas para compreender as transformações das relações humanas na sociedade tecnologicamente mediada.

Sob essa perspectiva, os impactos socioemocionais relacionados às tecnologias não decorrem simplesmente da existência da inteligência artificial, mas das formas pelas quais esses recursos são incorporados às práticas sociais e utilizados pelos indivíduos. A intensidade de uso, as finalidades atribuídas às ferramentas, as características dos usuários e os contextos sociais e relacionais nos quais ocorre essa utilização constituem aspectos importantes para uma compreensão não determinista do fenômeno. Essa abordagem permite reconhecer as potencialidades das tecnologias sem desconsiderar possíveis repercussões sobre a qualidade das relações interpessoais e o bem-estar psicológico.

A discussão torna-se particularmente relevante para a Psicologia diante da crescente utilização de recursos digitais em contextos relacionados à saúde mental. Plataformas de atendimento remoto e outros recursos tecnológicos ampliaram possibilidades de acesso e acompanhamento, ao mesmo tempo em que suscitaram questões relacionadas à ética, ao sigilo, à proteção de dados, à qualidade da escuta e aos limites da mediação tecnológica.

Nesse cenário, o psicólogo assume papel relevante na compreensão das repercussões psicossociais das transformações tecnológicas. Sua atuação não se restringe à utilização ou rejeição de novas ferramentas, mas envolve a capacidade de compreender criticamente como diferentes formas de mediação digital podem repercutir sobre comportamentos, emoções, vínculos e processos de

subjetivação. A discussão também demanda atenção aos princípios éticos que orientam o exercício profissional, particularmente quando tecnologias são empregadas em situações relacionadas ao sofrimento psíquico e ao cuidado em saúde mental.

A relevância científica da temática decorre, portanto, da necessidade de compreender uma realidade na qual as tecnologias inteligentes ocupam espaços cada vez mais presentes nas experiências sociais e relacionais. Para a Psicologia, investigar essa interface permite problematizar tanto as possibilidades proporcionadas pela inovação tecnológica quanto os desafios decorrentes de sua incorporação à vida cotidiana, evitando interpretações simplificadoras que apresentem a inteligência artificial como necessariamente prejudicial ou, em sentido contrário, como solução para demandas humanas complexas.

Diante dessa problemática, este artigo tem como objetivo analisar os impactos da inteligência artificial sobre os aspectos socioemocionais, considerando suas implicações para a atuação do psicólogo. Para alcançar esse objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de produções relacionadas à inteligência artificial, às tecnologias digitais, à subjetividade, às relações interpessoais e à saúde mental. A investigação busca, dessa forma, estabelecer uma discussão crítica acerca das potencialidades, dos limites e dos desafios que a crescente presença da inteligência artificial apresenta à Psicologia contemporânea.

2. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E AS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES HUMANAS

A inteligência artificial configura-se como um dos fenômenos tecnológicos de maior repercussão na sociedade contemporânea, especialmente por sua capacidade de executar atividades relacionadas ao processamento de informações, reconhecimento de padrões, aprendizagem e tomada de decisões. Sua crescente inserção na vida cotidiana demonstra que seus efeitos ultrapassam a dimensão técnica, alcançando aspectos sociais, culturais, relacionais e psicológicos.

Russell e Norvig (2021) compreendem a inteligência artificial como um campo dedicado ao desenvolvimento de sistemas capazes de executar tarefas associadas a capacidades inteligentes, como aprendizagem, raciocínio e resolução de problemas. Entretanto, a expansão desses sistemas para diferentes contextos sociais exige considerar não apenas seus fundamentos tecnológicos, mas também as repercussões decorrentes da interação entre indivíduos e recursos automatizados.

A tecnologia, nesse sentido, não se desenvolve de maneira dissociada das relações sociais. Lévy (2010), ao discutir a cibercultura, evidencia transformações nas formas de produção, circulação e compartilhamento do conhecimento. As tecnologias digitais ampliam possibilidades de interação e colaboração, ao mesmo tempo que reorganizam práticas comunicacionais e formas de participação social. Castells (2020), por sua vez, destaca a centralidade das tecnologias da informação na constituição da sociedade em rede, caracterizada pela interconexão entre indivíduos, instituições e organizações.

Nesse contexto, a inteligência artificial amplia processos anteriormente relacionados à digitalização, incorporando sistemas

capazes de selecionar conteúdos, organizar informações e auxiliar processos decisórios. Para a Psicologia, essa realidade assume particular importância porque as relações contemporâneas são cada vez mais atravessadas pela mediação tecnológica. A comunicação digital modifica elementos presentes nas interações face a face, como presença física, linguagem não verbal e percepção imediata das respostas emocionais, estabelecendo novas formas de construção e manutenção dos vínculos sociais.

Turkle (2017) problematiza as contradições entre conectividade tecnológica e proximidade humana, destacando que a ampliação das possibilidades de comunicação não significa, necessariamente, maior profundidade dos vínculos interpessoais. A crescente presença das tecnologias nas relações cotidianas pode modificar práticas de diálogo, convivência e escuta, aspecto relevante para a Psicologia devido à importância das relações sociais na constituição das experiências emocionais.

Essa questão torna-se mais complexa diante de sistemas de inteligência artificial capazes de estabelecer interações conversacionais e produzir respostas personalizadas. Embora essas interações possam transmitir percepções de disponibilidade ou acolhimento, é necessário diferenciá-las das relações humanas constituídas pela reciprocidade, afetividade, história e inserção sociocultural dos sujeitos. Essa diferenciação mostra-se particularmente importante quando a tecnologia passa a ser utilizada em situações relacionadas às emoções e ao bem-estar psicológico.

No âmbito socioemocional, Goleman (2012) relaciona as competências emocionais à consciência das próprias emoções, ao

autocontrole, à motivação, à empatia e às habilidades sociais. As relações interpessoais constituem espaços importantes para o desenvolvimento e exercício dessas capacidades. Assim, mudanças nas formas de comunicação e interação também suscitam questionamentos acerca das condições em que essas competências são mobilizadas.

A empatia constitui um exemplo significativo, pois envolve reconhecer estados emocionais, interpretar sinais verbais e não verbais e considerar a perspectiva do outro. Em interações mediadas por dispositivos digitais, alguns desses elementos podem assumir configurações diferentes. Contudo, os efeitos psicológicos das tecnologias não devem ser interpretados de forma determinista, como se sua utilização produzisse necessariamente prejuízos socioemocionais. Finalidade, intensidade e contexto de uso, características individuais e condições socioculturais interferem na maneira como essas experiências são vivenciadas.

A hiperconectividade também integra essa discussão. Han (2018) aborda uma sociedade marcada pelas exigências permanentes de desempenho e pelo desgaste associado à produtividade. O excesso de informações e a conectividade contínua podem estar relacionados a experiências de sobrecarga e exaustão. Embora esses fenômenos não decorram exclusivamente da inteligência artificial, os sistemas automatizados integram ambientes digitais caracterizados pela circulação constante de informações.

Bauman (2001), ao discutir a fluidez e a instabilidade das relações contemporâneas, oferece elementos para compreender mudanças mais amplas nos vínculos sociais. A rapidez das conexões e as dificuldades relacionadas à manutenção de vínculos duradouros

podem ser relacionadas, com cautela, às formas atuais de sociabilidade mediadas pelas tecnologias. Desse modo, características como velocidade e disponibilidade imediata presentes nos ambientes digitais também podem repercutir nas expectativas construídas em torno das relações interpessoais.

Por outro lado, os recursos tecnológicos podem aproximar pessoas geograficamente distantes, favorecer redes de apoio, ampliar a acessibilidade comunicacional e facilitar o acesso à informação. Lévy (2010) destaca as possibilidades de interação e construção coletiva do conhecimento proporcionadas pela cibercultura, demonstrando que os efeitos das tecnologias não apresentam uma única direção. Um mesmo recurso pode favorecer autonomia e interação em determinado contexto e, em outras circunstâncias, contribuir para dependência ou redução das experiências presenciais.

Para a Psicologia, compreender essas transformações pressupõe reconhecer que a subjetividade mantém relação com as condições históricas, sociais e culturais. Freud (2011), embora tenha produzido suas reflexões em período anterior às atuais tecnologias digitais, discutiu as relações entre constituição psíquica e exigências da vida em sociedade. Morin (2015), por sua vez, contribui para uma compreensão complexa dos fenômenos humanos, indicando a necessidade de articular diferentes dimensões na interpretação da realidade.

Sob essa perspectiva, os efeitos da inteligência artificial não podem ser explicados exclusivamente pela tecnologia nem por relações causais lineares. Sua compreensão demanda a articulação entre fatores psicológicos, sociais, culturais e tecnológicos. Tal abordagem permite evitar interpretações reducionistas e reconhecer que as

repercussões da IA dependem das condições nas quais seus recursos são utilizados.

Desse modo, a inteligência artificial integra uma transformação mais ampla das formas contemporâneas de sociabilidade. A ampliação das possibilidades comunicacionais convive com desafios relacionados à qualidade dos vínculos, à autonomia, à empatia e às experiências emocionais. Para a Psicologia, torna-se fundamental compreender como indivíduos inseridos em ambientes mediados por sistemas inteligentes estabelecem relações, vivenciam emoções e constroem vínculos, aspectos que fundamentam a discussão acerca das repercussões da inteligência artificial sobre os aspectos socioemocionais e a saúde mental.

3. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS IMPACTOS SOCIOEMOCIONAIS

A expansão da inteligência artificial no cotidiano introduz novas formas de interação entre indivíduos, plataformas digitais e sistemas automatizados, tornando relevante compreender suas repercussões sobre os aspectos socioemocionais. Para a Psicologia, essa discussão envolve competências como percepção e expressão das emoções, empatia, autorregulação e construção de vínculos, dimensões diretamente relacionadas às experiências sociais.

Goleman (2012) destaca capacidades como consciência emocional, autocontrole, motivação, empatia e competência social como importantes para o desenvolvimento humano e para a qualidade das relações interpessoais. Nesse sentido, os impactos da inteligência artificial não devem ser avaliados apenas pelo tempo de exposição às tecnologias, mas também pela qualidade das

experiências, pelas finalidades de uso e pela maneira como esses recursos são incorporados às relações cotidianas.

A comunicação constitui uma das dimensões mais afetadas pela mediação tecnológica. Embora os ambientes digitais possibilitem rapidez, aproximação entre pessoas geograficamente distantes e maior circulação de informações, também modificam elementos característicos das interações presenciais, como gestos, expressões faciais, entonação e outros componentes da linguagem não verbal. Essas mudanças podem repercutir na maneira como emoções e intenções são percebidas e interpretadas.

Turkle (2017) problematiza a coexistência entre intensa conectividade e dificuldades relacionadas à profundidade das interações humanas. A mediação tecnológica pode modificar experiências de diálogo, convivência e proximidade emocional, embora isso não permita afirmar que toda interação digital seja superficial. A questão central encontra-se nas condições em que a tecnologia favorece ou limita a construção de vínculos significativos.

A empatia assume particular relevância nesse debate. Reconhecer emoções, compreender diferentes perspectivas e responder às experiências do outro são processos construídos nas relações humanas. Sistemas de inteligência artificial conversacional, entretanto, podem produzir respostas personalizadas capazes de transmitir ao usuário uma percepção de acolhimento ou compreensão. Apesar disso, a produção computacional de uma resposta linguisticamente adequada não equivale à experiência subjetiva da empatia, distinção especialmente importante quando a interação envolve sofrimento emocional ou saúde mental.

Também merece atenção a relação entre tecnologias digitais e autorregulação emocional. Ambientes caracterizados pela rapidez, disponibilidade permanente e acesso imediato a estímulos podem modificar experiências relacionadas à espera e à tolerância à frustração. Entretanto, não é adequado estabelecer uma relação causal direta entre o uso da inteligência artificial e dificuldades emocionais. Os efeitos dependem de múltiplos fatores, incluindo características individuais, contexto social, finalidade, intensidade de uso e qualidade das relações interpessoais.

Bauman (2001) contribui para essa discussão ao abordar a fluidez e a instabilidade dos vínculos na sociedade contemporânea. As tecnologias digitais integram um contexto no qual relações podem ser estabelecidas, modificadas e interrompidas rapidamente. Contudo, tais características não devem ser atribuídas exclusivamente à inteligência artificial, pois estão relacionadas a transformações sociais e culturais mais amplas.

A hiperconectividade constitui outro elemento relevante. Han (2018) relaciona as exigências permanentes de desempenho e produtividade a experiências de desgaste e sobrecarga. Em ambientes digitais marcados pela circulação contínua de informações, a inteligência artificial pode ampliar a personalização dos conteúdos e das experiências, tornando necessário refletir sobre autonomia, capacidade crítica e formas de utilização desses recursos.

No campo da saúde mental, entretanto, as tecnologias também apresentam possibilidades relevantes. Recursos digitais podem facilitar o acesso à informação, reduzir determinadas barreiras geográficas e ampliar modalidades de acompanhamento

psicológico. Nesse sentido, a tecnologia pode atuar como instrumento complementar ao cuidado, desde que sua utilização esteja fundamentada em critérios técnicos e éticos.

A utilização desses recursos exige atenção especial ao sigilo, à responsabilidade profissional, à proteção das informações e à qualidade do atendimento. O Conselho Federal de Psicologia (2022) ressalta a importância da observância de princípios éticos na utilização de tecnologias digitais no exercício profissional. A questão adquire maior complexidade diante da inteligência artificial, especialmente quando sistemas automatizados processam informações relacionadas à vida privada e às experiências emocionais dos usuários.

É igualmente necessário distinguir recursos tecnológicos de apoio profissional de intervenções psicológicas propriamente ditas. Sistemas automatizados podem auxiliar na organização de informações, na acessibilidade e em determinadas estratégias de suporte, mas não substituem elementos fundamentais do cuidado psicológico, como vínculo profissional, escuta qualificada, avaliação contextualizada e consideração da singularidade do sujeito.

Nesse contexto, os impactos socioemocionais da inteligência artificial apresentam caráter ambivalente. Os mesmos recursos que ampliam possibilidades de comunicação, informação e acesso a serviços podem estar associados, dependendo das formas de utilização, a experiências de isolamento, uso excessivo e fragilização das relações presenciais. Por essa razão, a inteligência artificial não deve ser classificada de maneira generalizada como benéfica ou prejudicial.

A compreensão psicológica do fenômeno requer considerar os contextos de utilização, as características dos indivíduos e as finalidades atribuídas às tecnologias. Dessa forma, a Psicologia ocupa posição relevante na interpretação das relações entre inteligência artificial, subjetividade, comportamento e saúde mental, especialmente na delimitação dos benefícios, riscos e limites da automatização diante da complexidade da experiência socioemocional humana.

4. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO DIANTE DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

As transformações tecnológicas contemporâneas ampliam os desafios da atuação profissional da Psicologia. À medida que a inteligência artificial passa a integrar processos de comunicação, trabalho, educação e saúde, cresce a necessidade de compreender seus efeitos sobre comportamentos, emoções, relações sociais e processos de subjetivação.

Essa compreensão exige reconhecer que a Psicologia não se relaciona com a inteligência artificial apenas como usuária de recursos tecnológicos. A profissão também é convocada a interpretar mudanças produzidas por esses sistemas nas práticas sociais e nas relações humanas, especialmente no que se refere aos vínculos, às expectativas diante de sistemas automatizados e às formas de vivenciar emoções em ambientes marcados pela conectividade.

Freud (2011), embora tenha desenvolvido suas formulações em contexto anterior às tecnologias digitais, já discutia a influência dos processos culturais e sociais sobre a constituição psíquica. Essa

perspectiva permanece relevante para compreender que transformações socioculturais podem repercutir nos modos de sentir, pensar e agir.

Sob essa ótica, a inteligência artificial deve ser compreendida como parte de um ambiente sociocultural mais amplo. A Psicologia precisa considerar não apenas sintomas eventualmente associados ao uso tecnológico, mas também processos de adaptação, construção identitária, percepção de si, formação de vínculos e reorganização das relações interpessoais.

A atuação do psicólogo diante desse cenário requer postura crítica e não reducionista. A tecnologia não deve ser compreendida como causa isolada de sofrimento psíquico, tampouco como solução automática para problemas emocionais. É necessário considerar contexto, finalidade e intensidade de uso, além das características individuais e sociais dos sujeitos.

Morin (2015) contribui para essa compreensão ao defender uma abordagem complexa dos fenômenos humanos. Nessa perspectiva, os efeitos da inteligência artificial devem ser interpretados a partir da articulação entre dimensões psicológicas, sociais, culturais e tecnológicas, evitando relações causais simplificadas.

No campo da saúde mental, a utilização de plataformas digitais, aplicativos e atendimentos remotos amplia possibilidades de acesso ao acompanhamento psicológico. Esses recursos podem reduzir barreiras geográficas e facilitar o contato entre usuários e profissionais, mas sua incorporação ao cuidado exige limites técnicos e éticos bem definidos.

Nesse sentido, sistemas capazes de produzir respostas automatizadas não devem ser confundidos com a escuta psicológica. A prática profissional envolve vínculo, avaliação contextualizada, responsabilidade técnica, compreensão da singularidade e consideração das condições sociais e históricas do sujeito. Uma resposta computacionalmente adequada não corresponde, por si só, à construção de uma relação terapêutica.

A inteligência artificial pode atuar como recurso complementar, auxiliando na organização de informações, na acessibilidade e em determinados processos de apoio. Entretanto, sua utilização deve preservar os limites éticos e técnicos da profissão, sobretudo quando envolve informações pessoais, relatos emocionais ou dados sensíveis.

A preservação do sigilo e da confidencialidade torna-se, portanto, aspecto central. O uso de tecnologias digitais na prática psicológica exige atenção à proteção de dados, à responsabilidade profissional e à segurança das informações compartilhadas durante o atendimento. Essa preocupação se intensifica quando sistemas automatizados processam conteúdos relacionados à intimidade e ao sofrimento psíquico.

A Psicologia também precisa compreender formas de sofrimento associadas à vida digital, como isolamento social, fragilização de vínculos e uso excessivo das tecnologias. Esses fenômenos não devem ser automaticamente atribuídos à inteligência artificial, mas precisam ser avaliados a partir dos prejuízos concretos que possam produzir na autonomia, nas relações e na rotina dos sujeitos.

Han (2018) contribui para essa discussão ao problematizar uma sociedade marcada por cobrança permanente, hiperconectividade e desgaste emocional. Nesse contexto, a inteligência artificial pode integrar processos de aceleração e intensificação das exigências de desempenho, o que amplia a necessidade de compreender possíveis repercussões sobre ansiedade, exaustão e autocobrança.

Ao mesmo tempo, a Psicologia pode contribuir para a promoção de uma relação mais crítica e responsável com as tecnologias. Essa atuação envolve orientação, prevenção, educação para o uso consciente de recursos digitais e participação em equipes interdisciplinares responsáveis pelo desenvolvimento ou implementação de sistemas tecnológicos.

A discussão ética ocupa posição central nesse processo. A incorporação da inteligência artificial à prática psicológica deve preservar a centralidade da pessoa atendida, evitando a delegação acrítica de decisões a processos automatizados. O psicólogo precisa manter capacidade de avaliação, supervisão e intervenção sobre qualquer recurso tecnológico utilizado em sua prática.

Além disso, a formação profissional deve acompanhar as transformações tecnológicas. O avanço da inteligência artificial exige atualização contínua sobre possibilidades, limites e riscos das novas ferramentas, articulando competências tecnológicas a fundamentos clínicos, científicos e éticos.

Portanto, a atuação do psicólogo diante da inteligência artificial requer equilíbrio entre abertura à inovação e preservação dos fundamentos humanos do cuidado. A tecnologia pode ampliar recursos e possibilidades, mas não substitui a complexidade da

escuta, do vínculo e da compreensão da subjetividade. Nesse cenário, a Psicologia ocupa posição estratégica na análise crítica dos impactos da inteligência artificial sobre emoções, comportamentos, relações e saúde mental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente inserção da inteligência artificial nas diferentes dimensões da vida contemporânea evidencia que seus efeitos ultrapassam os aspectos técnicos e alcançam processos sociais, relacionais e psicológicos. A discussão bibliográfica desenvolvida neste artigo permitiu compreender que as repercussões da IA sobre os aspectos socioemocionais não podem ser interpretadas de maneira exclusivamente positiva ou negativa, pois dependem das formas de utilização, dos contextos sociais e das características dos sujeitos envolvidos.

No âmbito das relações humanas, as tecnologias digitais ampliam possibilidades de comunicação, acesso à informação e manutenção de vínculos, especialmente em situações marcadas por distâncias geográficas ou dificuldades de acesso. Entretanto, a intensificação da mediação tecnológica também suscita questões relacionadas à qualidade das interações, à hiperconectividade e às mudanças nas formas de comunicação e convivência. Nesse sentido, as contribuições de Lévy (2010), Bauman (2001), Turkle (2017), Han (2018) e Castells (2020) possibilitam compreender que as tecnologias estão inseridas em transformações sociais mais amplas e, por essa razão, seus efeitos não devem ser analisados isoladamente.

Em relação aos aspectos socioemocionais, competências como empatia, autorregulação, consciência emocional e capacidade de

estabelecer vínculos permanecem fundamentais para o desenvolvimento e para a qualidade das relações interpessoais. A presença de sistemas capazes de produzir interações conversacionais e respostas personalizadas acrescenta novos elementos a essa discussão, sobretudo porque uma resposta tecnologicamente elaborada não corresponde à experiência subjetiva da empatia nem à reciprocidade característica das relações humanas.

No campo da saúde mental, a inteligência artificial e as tecnologias digitais apresentam possibilidades importantes, particularmente como recursos complementares de acesso à informação e apoio a determinadas atividades. Contudo, sua incorporação ao campo psicológico requer atenção aos limites técnicos e éticos, especialmente quanto ao sigilo, à proteção das informações, à responsabilidade profissional e à preservação da singularidade dos sujeitos. A facilidade de interação com sistemas automatizados não deve levar à compreensão de que tais recursos sejam equivalentes ao acompanhamento realizado por profissional qualificado.

Para o psicólogo, essas transformações ampliam a necessidade de formação e atualização acerca das tecnologias emergentes. Mais do que dominar ferramentas digitais, torna-se necessário desenvolver capacidade crítica para reconhecer suas possibilidades, limitações e implicações sobre comportamentos, emoções, vínculos e processos de subjetivação. A atuação profissional deve preservar princípios éticos e científicos, mantendo a pessoa e sua complexidade como elementos centrais do cuidado psicológico.

Conclui-se, portanto, que a inteligência artificial pode ampliar possibilidades no campo da Psicologia, mas não substitui

dimensões fundamentais da atuação profissional, como vínculo, escuta qualificada, avaliação contextualizada, responsabilidade técnica e compreensão da singularidade humana. O desafio contemporâneo consiste em estabelecer formas responsáveis de integração entre inovação tecnológica e prática psicológica, reconhecendo a IA como recurso que demanda análise crítica, limites éticos e utilização contextualizada. Por se tratar de uma temática em constante transformação, recomenda-se a continuidade das discussões científicas sobre suas repercussões socioemocionais, especialmente diante da rápida evolução dos sistemas de inteligência artificial e de sua crescente presença nas relações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em serviços mediados por tecnologias digitais**. Brasília, DF: CFP, 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial:** uma abordagem moderna. 4. ed. São Paulo: Pearson, 2021.

TURKLE, Sherry. **Alone together:** why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2017.

¹ Graduando no Curso em Psicologia pela Faculdade Católica de Rondônia. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Professora do Curso em Psicologia pela Faculdade Católica de Rondônia. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)